

# 1

O meu apelido era Salmon e o nome próprio Susie. Tinha 14 anos quando fui assassinada, no dia 6 de Dezembro de 1973. Nas fotografias publicadas nos jornais das raparigas desaparecidas nessa década, a maior parte era parecida comigo, branca com cabelo castanho. Isso foi antes de começarem a aparecer caras de todas as raças e géneros em pacotes de leite ou em folhas metidas praticamente todos os dias nas caixas do correio. Quando as pessoas ainda pensavam que coisas dessas não aconteciam.

No meu livro de curso da escola, eu tinha uma citação de um poeta espanhol que a minha irmã me indicara, Juan Ramón Jiménez. Era assim: «Se te derem papel com linhas, escreve do outro lado.» Escolhi-a porque, além de exprimir o meu desprezo pelo ambiente de sala de aula que me rodeava, não sendo uma citação idiota de um grupo de *rock*, achei que me dava um ar intelectual. Eu era membro do Clube de Xadrez e do Clube de Química e queimava tudo o que tentava fazer nas aulas de economia doméstica da Dra. Delminico. O meu professor favorito era o Dr. Botte, de Biologia, que gostava de dar movimento às rãs e aos camarões-d'água-doce que dissecávamos pondo-os aos saltos nos recipientes escorregadios.

A propósito, não fui morta pelo Dr. Botte. Não pensem que toda a gente que vão conhecer aqui é suspeita. O problema é esse. Nunca se sabe. O Dr. Botte foi à missa pela minha alma (como, já agora lhes conto, quase toda a escola — nunca fui tão popular) e chorou bastante. Ele tinha uma filha doente. Todos sabíamos, por isso, quando ele se ria das próprias piadas, já com barbas muito antes de ser meu professor, ríamos também, por vezes com esforço, só para ele ficar contente. A filha dele morreu um ano e meio depois de mim. Tinha leucemia, mas nunca a vi no meu céu.

O meu assassino foi um vizinho nosso. A minha mãe gostava das flores do jardim dele e o meu pai um dia falou com ele sobre adubos.

O meu assassino gostava de coisas à moda antiga, como cascas de ovos e borras de café, que ele dizia que a mãe costumava utilizar. O meu pai chegou a casa sorridente e comentou que o jardim do homem podia ser lindo, mas devia exalar um pivete horroroso quando estivesse calor.

Porém, no dia 6 de Dezembro de 1973 estava a nevar e eu voltei para casa depois das aulas por um atalho que atravessava o milheiral. Estava escuro, porque os dias eram mais curtos no Inverno, e lembro-me de ter ainda mais dificuldade em andar por causa dos caules do milho. A neve caía suavemente e tocava-me como minúsculas mãos. Eu respirava pelo nariz, até que ele começou a pingar de tal maneira que fui obrigada a abrir a boca. A dois metros do sítio onde o Sr. Harvey estava parado, deitei a língua de fora para apanhar um floco de neve.

— Não te assustes — proferiu o Sr. Harvey.

É claro que, num milheiral e às escuras, me assustei mesmo. Depois de morrer, lembrei-me de um ligeiro aroma de água-de-colónia, mas na altura não prestei atenção ou pensei que vinha de uma das casas mais adiante.

— Senhor Harvey — exclamei.

— És a Salmon mais velha, não és?

— Sou.

— Como estão os teus pais?

Embora fosse a mais velha e muito boa a resolver problemas de ciências, nunca me sentia à vontade com os adultos.

— Bem — retorqui. Estava com frio, mas a natural autoridade da idade dele e ainda o facto de se tratar de um vizinho que tinha falado com o meu pai sobre adubos deixou-me presa ao chão.

— Queres ver uma coisa que eu fiz ali atrás? — perguntou.

— Está frio, senhor Harvey, e a minha mãe gosta que eu chegue a casa antes de escurecer — respondi.

— Já está escuro, Susie.

Quem me dera ter percebido como aquilo era estranho. Eu nunca lhe tinha dito como me chamava. Se calhar, pensei que o meu pai lhe contara algum dos embaraçosos episódios que ele via apenas como gracinhas dos filhos. O meu pai era do género de ter uma fotografia de um de nós nu com três anos na casa de banho do rés-do-chão, a que era usada pelas visitas. Felizmente, fez isso apenas à minha irmãzita Lindsey. Pelo menos eu escapei à indignidade. Mas gostava de contar a história dos meus ciúmes quando a Lindsey nascera e que um dia, quando ele estava ao telefone no vestíbulo, me viu aproximar do carinho na sala e tentar fazer chichi em cima dela. Era uma história que me humilhava de cada vez que a contava, ao prior, à nossa vizinha, a Sra. Stead, que era psicóloga e cuja opinião queria ouvir, e a qualquer pessoa que dissesse: «A Susie é muito viva!»

— Viva! — exclamava logo o meu pai. — Eu já lhe digo como ela é viva. — E desatava a contar a história da «Susie a fazer chichi na Lindsey».

Mas afinal não tinha falado em nós ao Sr. Harvey nem lhe contara a história da «Susie a fazer chichi na Lindsey».

Mais tarde, o Sr. Harvey havia de dizer as seguintes palavras à minha mãe ao encontrá-la na rua:

— Soube da horrível tragédia. Como se chamava a sua filha?

— Susie — respondeu a minha mãe, tentando suportar o peso daquilo, um peso que ela, ingenuamente, esperava ser mais leve um dia, sem saber que ia mas era fazê-la sofrer de novas e variadas maneiras para o resto da vida.

O Sr. Harvey disse o que era costume:

— Espero que apanhem o filho da mãe. Lamento muito a sua perda.

Nessa altura já eu estava no meu céu, na fase de adaptação, e custou-me a crer em tanta audácia.

— O homem não tem vergonha na cara — disse eu a Franny, a minha conselheira.

— Exactamente — anuiu ela, com toda a simplicidade. No meu céu as pessoas eram bastante directas.

O Sr. Harvey disse que era só um minuto, de maneira que o segui até um pouco mais adiante no milheiral, onde havia menos caules partidos porque ninguém passava por ali a caminho do liceu. A minha mãe dissera ao meu irmãozito Buckley que aquele milho não era comestível quando ele perguntou por que motivo ninguém da vizinhança o comia.

— O milho é para os cavalos, não para as pessoas — afirmou ela.

— Nem para os cães? — perguntou Buckley.

— Não — respondeu a minha mãe.

— Nem para os dinossauros? — perguntou Buckley. E por aí fora.

— Fiz aqui um esconderijo — disse o Sr. Harvey.

Parou e olhou para mim.

— Não estou a ver — repliquei eu, consciente de que o Sr. Harvey olhava para mim de um modo esquisito. Outros homens daquela idade já tinham olhado para mim daquela maneira desde que perdera a minha gordura de bebé, mas geralmente não ficavam encantados quando trazia a parca azul-viva e as calças amarelas de boca-de-sino. Ele usava óculos redondos e pequenos, de aros dourados, e olhava para mim por cima deles.

— Devias ser mais observadora, Susie — disse ele.

Apetecia-me era observar o caminho dali para fora, mas não o fiz. Porque seria? A Franny disse que esse tipo de pergunta era inútil.

— Não o fizeste e pronto. Não fiques a remoer, que não te ajuda. Morreste e tens de aceitar o facto.

— Tenta outra vez — sugeriu o Sr. Harvey, agachando-se e batendo na terra.

— O que é isso?

Sentia as orelhas geladas. Recusava-me a usar o barrete multicolor com um pompom e guizos que a minha mãe me fizera num Natal. Tinha-o enfiado num dos bolsos da parca.

Lembro-me de ter avançado e batido com os pés no chão junto dele. Parecia ainda mais duro do que a terra gelada, que já era bastante dura.

— É madeira — informou o Sr. Harvey. — Para a entrada não abater. Mas o resto é todo de terra.

— Mas o que é? — perguntei. Já não tinha frio nem estava inquieta com o olhar que ele me deitara. Era como se estivesse na aula de Ciências, cheia de curiosidade.

— Anda ver.

Era difícil entrar, o que ele admitiu depois de estarmos os dois dentro do buraco. Mas eu sentia-me tão espantada com a chaminé que ele fizera para o caso de querer acender uma fogueira que nem pensei na dificuldade de entrar ou sair do buraco. Além disso, a fuga não era um conceito de que eu tivesse realmente alguma experiência. A pior coisa de que alguma vez fora obrigada a fugir fora do Artie, um rapaz do liceu com um aspecto esquisito, cujo pai era cangalheiro e que costumava fingir que trazia uma seringa cheia de líquido de embalsamar. Estava sempre a encher os cadernos com desenhos de agulhas a pingar gotas escuras.

— Isto é baril! — disse eu ao Sr. Harvey.

Ele até podia ser o corcunda de Nôtre-Dame, sobre quem tínhamos lido na aula de Francês, que não me importava. Mudei completamente de atitude. Parecia o meu irmão Buckley na visita de estudo ao Museu de História Natural em Nova Iorque, onde se apaixonara pelos enormes esqueletos em exposição. Não usava a palavra *baril* em público desde a escola primária.

— Foi canja — comentou Franny.

Estou a ver o buraco como se fosse ontem, e foi. A vida, para nós, é um ontem perpétuo. Era do tamanho de um quarto pequeno, como «o cubículo da lama» da nossa casa, por exemplo, onde guardávamos as botas e os impermeáveis e onde a mãe tinha conseguido enfiar duas máquinas, de lavar e de secar roupa, uma em cima da outra. Quase conseguia endireitar-me lá dentro, mas o Sr. Harvey precisava de se curvar. Ele construíra um banco a toda a volta, ao cavar, e sentou-se assim que entrou.

— Dá uma vista de olhos — sugeriu ele.

Fiquei a olhar para aquilo, espantada, para a prateleira escavada por cima dele, onde colocara uma caixa de fósforos, umas poucas de pilhas e uma lâmpada fluorescente a pilhas, a única fonte de luz do recinto — uma lua fantasmagórica que lhe tornaria o rosto indistinto ao deitar-se em cima de mim.

Na prateleira havia ainda um espelho, uma navalha e creme de barbear. Achei aquilo esquisito. Não fazia a barba em casa? Mas devo ter achado que um homem que possuía uma ótima casa e decidira construir um quarto subterrâneo devia ser mais ou menos chalado. O meu pai costumava descrever pessoas como ele de uma maneira simpática: «O tipo é um ponto.»

Por isso, eu devia ter pensado que o Sr. Harvey era um ponto e gostei do quarto, que estava quente, e quis saber como ele o construía, como se fazia uma coisa daquelas e onde fora buscar a ideia.

Porém, quando o cão dos Gilbert encontrou o meu cotovelo três dias depois e o levou para casa com bocados de folhelho de milho agarados, o Sr. Harvey já o tinha fechado. Nessa altura estava eu em trânsito. Não o vi a trabalhar, retirando as escoras de madeira e a embalar todas as provas juntamente com os bocados do meu corpo, excepto o tal cotovelo. Quando me tornei suficientemente substancial para poder olhar para o que se passava na Terra, estava mais preocupada com a minha família do que com outra coisa qualquer.

A minha mãe encontrava-se sentada numa cadeira junto à porta de casa, de boca aberta, mais pálida do que alguma vez a vira e com os olhos azuis a olhar para o espaço. O meu pai parecia não conseguir ficar quieto. Queria saber pormenores e examinar o milheiral juntamente com os polícias. Ainda agradeço a Deus um detective baixinho chamado Len Fenerman, que destacou dois polícias para levar o meu pai até à cidade e pedir-lhe que lhes indicasse todos os sítios onde eu costumava parar com os meus amigos. Os polícias mantiveram o meu pai ocupado num centro comercial durante o primeiro dia. Ninguém contara à Lindsey, já com treze anos e idade para saber, nem ao Buckley, que tinha quatro anos e, na realidade, nunca iria compreender.

O Sr. Harvey perguntou-me se eu queria tomar alguma coisa. Foram essas as palavras dele. Eu disse que tinha de ir para casa.

— Sê delicada e bebe uma *Coca-Cola* — sugeriu. — Tenho a certeza de que os outros miúdos beberiam.

— Quais outros miúdos?

— Eu fiz isto para os miúdos da vizinhança. Pensei que podia ser uma espécie de clube.

Não me parece que tenha acreditado naquilo mesmo nessa altura. Achei que ele estava a mentir, mas que era uma mentira que fazia sen-

tido. Imaginei que se sentisse solitário. Tínhamos lido coisas acerca de homens como ele na aula sobre saúde e higiene. Homens que nunca casavam e comiam refeições congeladas todas as noites e tinham tanto medo de ser rejeitados que nem sequer arranjavam um animal de estimação. Tive pena dele.

— Está bem — concordei. — Bebo uma *Coca-Cola*.

Daí a pouco, perguntou:

— Não tens calor, Susie? Porque não tiras a parca?

Tirei.

— És muito bonita, Susie — observou, depois.

— Obrigada — agradeçi, embora ele me provocasse o que eu e a minha amiga Clarissa costumávamos chamar um nervoso miudinho.

— Tens namorado?

— Não, senhor Harvey — respondi. Bebi o resto da *Coca-Cola*, que era bastante ainda, e disse: — Tenho de me ir embora, senhor Harvey. Isto é baril, mas tenho de ir.

Ele levantou-se e fez o número do marreco pelos seis degraus que conduziam ao mundo.

— Não sei por que razão pensas que te vais embora.

Comecei a falar para não ter de compreender aquilo. O Sr. Harvey era tudo menos um ponto. Dava-me o tal nervoso miudinho e assustou-me quando bloqueou a saída com o corpo.

— Eu tenho mesmo de ir para casa, senhor Harvey.

— Despe-te.

— O quê?

— Despe-te — ordenou o Sr. Harvey. — Quero verificar se ainda és virgem.

— Sou sim, senhor Harvey — afirmei.

— Quero ter a certeza. Os teus pais vão agradecer-me.

— Os meus pais?

— Eles só querem as raparigas que se portam bem — declarou.

— Por favor, deixe-me ir embora, senhor Harvey — pedi.

— Tu não te vais embora, Susie. Agora és minha.

A boa forma física não era tão importante nessa época e a aeróbica não passava de uma palavra. As raparigas eram, em princípio, delicadas, e só as que desconfiávamos serem masculinas conseguiam trepar às cordas na ginástica.

Lutei com força. Lutei com toda a força que tinha para não deixar o Sr. Harvey fazer-me mal, mas não foi suficiente, nem pouco mais ou menos, e depressa me vi deitada no chão, na terra, com ele por cima de mim a arfar e a suar, sem os óculos, perdidos durante a luta.

Eu estava tão viva nessa altura! Achei que encontrar-me ali de costas com um homem a suar em cima de mim era *a pior coisa do*

*modo*. Estar presa dentro da terra sem que alguém soubesse onde eu estava.

Pensei na minha mãe.

A minha mãe devia estar a olhar para o relógio do forno. Era um forno novo e ela mostrava-se encantada por ele ter um relógio.

— Assim posso calcular o tempo até ao minuto — dissera ela à sua mãe, uma mãe que se estava nas tintas para fornos.

Devia estar preocupada, mas mais zangada do que preocupada, com o meu atraso. Quando o meu pai metesse o carro na garagem, preparar-lhe-ia um aperitivo, um xerez seco, e diria, com uma expressão exasperada:

— Já sabes como elas são. Se calhar é a Festa da Primavera.

— Como é que pode ser a Festa da Primavera se está a nevar, Abigail? — perguntaria o meu pai.

Como não obtivesse o resultado esperado, a minha mãe talvez mandasse o Buckley para a sala, dizendo:

— Brinca com o teu pai.

Depois, sozinha na cozinha, daria um golinho no xerez.

O Sr. Harvey começou a exercer pressão com os lábios nos meus. Eram azulados e estavam molhados, e eu queria gritar mas tinha muito medo e sentia-me demasiado exausta por causa da luta. Fora beijada uma vez por uma pessoa de quem gostava. Chamava-se Ray e era indiano. Tinha sotaque e era escuro. Em princípio, não devia gostar dele. A Clarissa dizia que ele tinha olhos «esquisidélcos», mas era simpático e inteligente e ajudava-me a copiar nos pontos de Matemática, fingindo que não. Deu-me um beijo junto ao meu cacifo na véspera de entregarmos as fotografias para o livro de curso. Quando o livro apareceu no fim desse Verão, vi que ele tinha completado a habitual frase «O meu coração pertence a...» com «Susie Salmon». Penso que ele tinha planos. Lembro-me de que os lábios dele estavam gretados.

— Não, senhor Harvey — consegui dizer, e repeti essa palavra incessantemente. *Não*. E também disse muitas vezes *por favor*. A Franny informou-me de que quase toda a gente diz «por favor» antes de morrer.

— Eu quero-te, Susie — proferiu ele.

— Por favor — disse eu. — Não — acrescentei. Umás vezes juntava-as. «Não, por favor.» Ou: «Por favor, não.» Era como insistir que uma chave servia quando não servia, ou gritar: «Eu apanho-a, eu apanho-a, eu apanho-a», quando uma bola passa por cima de nós na praia.

— Por favor, não.

Mas ele fartou-se de me ouvir pedir. Meteu a mão no bolso da minha parca, fez uma bola com o barrete feito pela minha mãe e enfiou-mo na boca. Depois disso, o único som que eu emiti foi o leve tinir dos guizos.

Quando ele começou a dar-me beijos pela cara e pelo pescoço com aqueles lábios molhados e depois me meteu as mãos por debaixo da blusa, desatei a chorar. E comecei a abandonar o meu corpo; a habitar no ar e no silêncio. Chorei e debati-me para não sentir. Ele rasgou-me as calças, porque não encontrou o fecho invisível, habilidosamente colocado pela minha mãe na costura do lado.

— Umás grandes cuecas brancas — disse ele.

Senti-me enorme e inchada. Senti-me como um mar onde ele mijava e cagava. Senti todos os cantinhos do meu corpo meterem-se para dentro e para fora, como quando brincava às cócegas com a Lindsey, para ela ficar contente. Ele começou a mover-se em cima de mim.

— Susie! Susie! — ouvi a minha mãe chamar. — O jantar está pronto.

Ele estava dentro de mim. Grunhia.

— É borrego com feijão-verde.

Eu era o almofariz e ele era o pilão.

— O teu irmão fez outra pintura com os dedos e eu fiz tarte de maçã.

O Sr. Harvey obrigou-me a ficar quieta debaixo dele a ouvir as batidas do seu coração e as batidas do meu. O meu dava saltinhos como o coelho e o dele batia como se fosse um martelo de encontro à roupa. Ficámos ali deitados com os corpos unidos e enquanto eu tremia tive a certeza de uma coisa. Ele tinha-me feito aquela coisa e eu estava viva. Mais nada. Continuava a respirar. Ouvi o coração dele. Senti o cheiro da respiração dele. A terra escura à nossa volta cheirava ao que era, terra húmida onde viviam minhocas e outros animais. Apetecia-me gritar durante horas.

Sabia que ele ia matar-me. Na altura, não percebi que eu era um animal já a morrer.

— Porque não te levantas? — sugeriu o Sr. Harvey, rolando para um lado e depois debruçando-se sobre mim.

Falou suavemente, encorajando-me, com a voz de um amante que se levantasse tarde. Era uma sugestão, não uma ordem.

Não consegui mexer-me. Não consegui levantar-me.

Como não me levantei — seria apenas falta de vontade de obedecer à sugestão dele? —, inclinou-se para um lado, estendeu o braço para cima e tacteou a prateleira onde estavam a navalha e o creme de barbear. Vi uma lâmina na mão dele, uma lâmina que me sorria, curvando-se num grande sorriso.

Ele tirou-me o barrete da boca.

— Diz que me amas — ordenou ele.

Baixinho, eu disse.

O fim chegou, apesar disso.